

Estágio extracurricular na formação inclusiva: A contribuição do psicopedagogo à educação inclusiva

Évellin Michele Rozon Silva¹

RESUMO

O texto aborda uma questão sobre o desenvolvimento de profissionais da educação perante o processo de formação, com o intuito de atender alunos com necessidades especiais dentro de um sistema educacional inclusivo. Narra o estágio de psicopedagogia a partir do sistema educacional inclusivo na rede municipal de ensino da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A relação teoria e prática frente à inclusão e à aprendizagem de alunos com necessidades especiais possibilita a inclusão em todos os âmbitos da formação do indivíduo. Sendo assim, o reconhecimento de uma educação para todos gera a necessidade de um profissional qualificado. Propondo um conhecimento na academia que proporciona uma parceria entre a teoria e a prática.

Palavras- chave: Formação. Inclusão. Psicopedagogia.

ABSTRACT

This text deals with a question about the development of professionals of the education before the formation process, with the intention of attending students with special needs within an inclusive educational system. It narrates the psychopedagogy stage from the inclusive educational system in the municipal teaching network of the city of Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The relation between theory and practice regarding the inclusion and learning of students with special needs makes possible inclusion in all spheres of individual formation. Within this context, the recognition of an education for all generates the need for a qualified professional. Proposing a knowledge in academia that provides a partnership between theory and practice.

Keywords: Training. Inclusion. Psychopedagogy.

¹ Licenciada em Pedagogia e Letras habilitação português e espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Profissional de apoio educacional da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS, Mestre em estudos de Linguagens – UFMS.

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394 de dezembro de 1996 define a Educação Especial como modalidade escolar, oferecida principalmente na rede regular de ensino, através disso observou-se a necessidade de capacitar os profissionais da área da educação, principalmente da rede pública para um melhor convívio e entendimento dos alunos portadores de necessidades especiais.

O objetivo do presente trabalho procura trazer a realidade do estágio de psicopedagogia dentro do sistema educacional inclusivo na rede municipal de ensino da cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, seu conhecimento e envolvimento com os pressupostos teóricos e práticos da sua formação e o seu verdadeiro papel frente à inclusão e da aprendizagem desse aluno com necessidades especiais.

Sendo assim, notamos quão importante é a formação dos futuros profissionais para atuarem nessa área, abordando questões voltadas para o atendimento desses alunos, tanto no processo de aprendizagem, quanto as necessidades adaptativas dos mesmos. As dificuldades identificadas no desenvolvimento escolar requerem o envolvimento e o interesse de toda comunidade escolar para obtenção de desenvolvimento pedagógico.

A extensão e a profundidade da experiência trazida com o estágio extracurricular levam o futuro profissional educacional a uma prévia da prática, proporcionando relação com a teoria aprendida. A fim de estabelecer ligações entre os sujeitos envolvidos no processo de investigação no desenvolvimento pedagógico. Um professor que esteja preparado para lidar com a diferença dentro da sala de aula, é fundamental para que a questão da inclusão não fique só no papel, mas seja desenvolvida de maneira eficaz.

Durante a realização dos estágios supervisionados tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de diferentes profissionais, dessa forma ouvimos suas queixas afirmando quão grande é a dificuldade de trabalhar com alunos com necessidades especiais dentro de um sistema educacional inclusivo.

Desta forma, essa realidade gerou inquietação e proporcionaram questões que permeiam este trabalho com relação à formação dos profissionais vinculados a educação frente ao “desconhecido”, como o estágio extracurricular pode ajudar na prática inclusiva e transformadora. Investigando o assunto foram levantados referenciais teóricos que puderam esclarecer o processo de formação desse profissional e o diferencial que o estágio extracurricular contribui para a formação do acadêmico.

1. O ESTÁGIO EXTRACURRICULAR E SUAS PERSPECTIVAS

Atualmente as discussões a respeito da importância do estágio extracurricular na formação do profissional de educação com relação à inclusão trazem para a sociedade pessoas que historicamente eram marginalizadas pelo sistema. O ato de incluir transporta para o ambiente escolar a “aceitação” em todos os seus significados. Estes princípios ficaram estabelecidos na Conferência Mundial sobre Igualdade de Oportunidade, acesso e qualidade, realizada em 1994, na Espanha, com a cooperação da UNESCO, conhecida atualmente como “Declaração de Salamanca”.

Tendo em vista essa perspectiva, é preciso primeiramente entender a atuação do profissional da educação, que vem demonstrando uma grande dificuldade em lidar com o “diferente”, justificando a

falta de preparo para atuar com o atual projeto de educação inclusivo. Pode se considerar que as marcas da exclusão estão entranhadas na sociedade.

A formação de professores necessita de uma nova visão, rever conceitos, paradigmas, entendendo a educação na sua totalidade, adequando-se a diferentes situações. O profissional de educação além de se preparar para enfrentar o adventício, deve diariamente educar-se para estabelecer uma prática humana no que se refere às diferenças que compõe o universo escolar. Mazzotta ao argumentar a destaca que “Formar um educador não é transmitir-lhe apenas receitas, não é ensinar-lhe simplesmente um trabalho de rotina. Formar um educador é, essencialmente, permitir-lhe aperfeiçoar-se, evoluir, adaptar-se às novas situações que virão a ser impostas pela civilização de amanhã.” (MAZZOTTA, 1993, p. 34 apud MIALARET, 1974, p. 137)

Conceituando a escola como espaço privilegiado de construção do conhecimento, no lugar em que as práticas sociais devem ser compreendidas, reconstruídas e internalizadas de forma significativa, a inclusão escolar mostra-se como uma prática favorável à construção da identidade de indivíduos em suas adversidades. Assim, o ato de educar torna a educação acessível a novas estruturas da aprendizagem, onde este ofício não depende estritamente do professor, mas da relação entre todos que compõe a esfera social, formando uma conexão entre família e governo. Mazzotta afirma que:

A via comum de ensino, ou ensino regular, consiste nos serviços e recursos geralmente organizados para todos; a via designada como especial é aquela em que o ensino ocorre mediante a utilização de auxílios e serviços especiais que, geralmente, não estão disponíveis nas situações comuns de educação escolar (MAZZOTTA, 1993, p. 19).

Portanto, para compreender o processo da capacitação de profissionais que atuam na educação inclusiva, as bases legais que fundamentam suas ações voga no processo de capacitação. A LDB/1996 referencia e ampara este processo a fim de assegurar aos educandos profissionais capacitados para atender sua inclusão e formação. No artigo 58, parágrafo III os professores carecem de “especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores de ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”.

E conforme, Resolução 02/2001 do art. 18 os profissionais para que sejam considerados capacitados e atuar com alunos especiais precisam comprovar “que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial”.

Nesse enfoque a psicopedagogia busca como referencial a construção de análise da família com a escola para a formação do sujeito capaz de aprender. A área de educação especial é instigada a computar potencialidades e limites do indivíduo e do coletivo num mesmo contexto. Esse pequeno conhecimento se modifica através da capacitação e dos estágios extracurriculares, que subsidiam o profissional de educação a vivenciar uma realidade que expõe na prática o saber teórico adquirido no decorrer do curso, levando-o a concretização e a interação direta com os conhecimentos necessários para a sua formação profissional.

Nesta perspectiva Glat e Nogueira (2002, p. 25): discorre que a intenção é “garantir educação para todos, independentemente de suas especificidades”, assegurando: [...] “A oferta de uma formação que possibilite aos professores analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos.” Sendo assim, o Plano Nacional de Educação (PNE), constitui-se como um dispositivo legal que conduz a formação de profissionais para influir na educação básica e um pilar para que o propósito da educação inclusiva efetiva, com o intuito de uma educação de qualidade com integridade.

No item, “Diretrizes” do PNE 01 a formação é ressaltada como prioridade de “Recursos humanos com capacidade de oferecer o atendimento aos educandos especiais nas creches, pré-escolas, centros de educação infantil, escolas regulares de ensino fundamental, médio e superior, bem como em instituições especializadas e outras instituições.”

O estágio extracurricular no ambiente escolar possibilita ao profissional de educação vivenciar o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais, em atenção à construção de conhecimentos inovadores e diferenciais, garantindo uma aprendizagem significativa. O futuro profissional deve criar estratégias através dos recursos oferecidos adaptando-os de acordo com as necessidades do indivíduo, respeitando cada um em sua particularidade, se preocupando não só com a transmissão do conhecimento, mas, também, com o bem-estar do aluno.

Nesse sentido, Pimenta considera que:

O exercício da atividade docente requer preparo. Preparo que não se esgota nos cursos de formação, mas para o qual o curso pode ter uma contribuição específica enquanto conhecimento sistemático da realidade do ensino-aprendizagem na sociedade historicamente situada, enquanto possibilidade de antever a realidade que se quer (PIMENTA, 2010, p. 105).

O estagiário tem através do estágio extracurricular a possibilidade de mudança, pois acompanha um profissional em atuação que compartilha suas dúvidas e seus anseios em relação às suas práticas, sendo possível a ele evidenciar essas ações aproximando-o de uma realidade próxima que o levará a reformular conceitos e conseqüentemente ter práticas repensadas.

Assimilar os pensamentos, anseios, sentimentos e emoções do outro nos torna mais consciente de nossas ações, compreensíveis e solidários as necessidades daqueles que mesmo não demonstrando em palavras suas reais intenções, nos sensibiliza e gera no estagiário, vontade de aprender para praticar um atendimento multidisciplinar capaz de saber ouvir o indivíduo, a fim de auxiliá-lo em suas necessidades.

Outro ponto verificado durante o desenvolvimento do estágio foi que o professor da sala comum tem certas dificuldades para ensinar os alunos com necessidades especiais devido ao cumprimento do cronograma para os demais alunos e a busca de adequações de recursos para aplicação do mesmo conteúdo para a educação especial. Tratando-se da interação nesse espaço Mazzotta realça que:

É fundamental que se tenha em mente que a educação de alunos deficientes pode ocorrer tanto pela via comum quanto pela especial. E mais que a existência de uma deficiência não obsta necessariamente a que o seu portador possa ser bem atendido mediante os processos comuns de ensino (MAZZOTTA, 1993, p. 19).

Diante da necessidade de maiores reflexões, sobre as formas mais apropriadas de viabilizar um ensino de qualidade, para as pessoas com deficiência. É importante trazer para a discussão uma visão mais crítica, sobre as principais metodologias utilizadas em sala de aula, que foque não apenas procedimentos adotados, mas realize uma análise sobre as vantagens e desvantagens de cada uma, tendo em vista as particularidades inerentes de cada aluno.

A escola precisa estar atenta as transformações que acontecem no dia a dia. A informação se modifica a cada momento. Nesse contexto a escola e os educadores devem ter visão transformadora e inclusiva. O estágio extracurricular geralmente tem sua característica deturpada na visão de muitos estagiários, que equivocados em seu entendimento acreditam que possam separar a teoria e a prática dentro da realidade escolar. É preciso entender que dentro do processo de formação

acadêmica, existem conceitos fundamentais a serem apropriados pelos mesmos e, para que essa formação seja sólida e efetivada é necessário que o indivíduo vivencie essa experiência. Pimenta *apud* Vásquez em suma destaca que:

A dependência da teoria em relação à prática, e a existência dessa como últimos fundamentos e finalidades da teoria, evidenciam que a prática- concebida como uma práxis humana total- tem a primazia sobre a teoria; mas esse primado, longe de implicar uma contraposição absoluta à teoria, pressupõe uma íntima vinculação com ela (PIMENTA, 1943, p. 93 *apud* VÁSQUEZ, 1968, p. 234).

Logo, o estágio oportuniza ao futuro profissional, a convivência com indivíduos em suas diferentes particularidades, permitindo ao mesmo realizar uma reflexão sobre a atual prática, podendo descrevê-las ou transformá-las durante o exercício de sua atuação. Pois, possui conhecimentos e habilidades para averiguar como é estabelecido o processo de aprendizagem de determinado sujeito e se as relações sociais, culturais e familiares estão afetando o seu desenvolvimento.

Independentemente da situação, o estagiário deve estar ciente que a educação implica no relacionamento entre pessoas e exerce uma influência recíproca, onde ao mesmo tempo em que realiza mediações e oportuniza a aprendizagem nesses indivíduos, torna-se aprendiz das especificidades educativas. O estágio é uma porta de acesso ao campo profissional, o estudante tem nele a possibilidade de construir a sua identidade dando sentido a sua aprendizagem e, adequá-las a novas práticas. Como afirma Pimenta (2010, p.143) “a finalidade do estágio é levar os alunos a uma análise das realidades sobre as quais atuarão, e também como fonte de experiências concretas para as discussões sobre as questões de ensino e procedimentos pedagógicos”.

O saber fazer é um elemento ímpar na formação de estudantes, sendo assim o estágio permite ao aluno estagiário manter uma estabilidade coerente em suas futuras atribuições, possibilitando traçar metas a fim de alcançar respostas significativas para cada ação em um processo. Mazzota *apud* Cousinet faz menção ao saber destacando que:

Esse saber fazer se aplica, primeiramente, ao valer. O valer é, com efeito, qualidade indispensável ao educador; mas é qualidade igualmente transmissível [...] as qualidades que caracterizam e distinguem o educador, aquelas que lhe são indispensáveis são três: valer, saber e saber fazer (MAZZOTA, 1993, p. 31 *apud* COUSINET, 1974, p.11).

Em termos de educação inclusiva, há a necessidade de repensar alguns fundamentos, muitas vezes sendo necessário rever conceitos e atitudes, e ter a consciência de que nem sempre o professor possuirá resposta, porém a flexibilidade para criar novas estratégias e articular esse aprendizado. E muitas das vezes buscar formas de capacitar-se para melhor atender seu aluno.

2. PSICOPEDAGOGIA E INCLUSÃO ESCOLAR QUAL O SEU PAPEL?

A psicopedagogia é uma área de estudo que articula o conhecimento da psicologia e da pedagogia, conforme Bossa (1994, p. 14), “A Psicopedagogia não é sinônimo de psicologia Escolar ou Psicologia Educacional.” Mas, “ocupa-se dos problemas de aprendizagem, os quais inicialmente foram estudados pela Medicina e pela Pedagogia, sendo hoje tratados por um corpo teórico que vem se estruturando a partir das contribuições de outros campos.”

A inclusão do psicopedagogo na instituição escolar faz se necessária com vista a analisar os fatores que intervenham o bom desempenho no processo de aprendizagem em uma instituição. O

psicopedagogo institui caminhos entre o saber e o não saber, tanto individual quanto em grupo. A psicopedagogia é um complemento no processo de aprendizagem e nas causas das dificuldades.

O papel do psicopedagogo é atuar de forma preventiva para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens. Podendo desempenhar uma atividade diária de docência na preparação dos profissionais da área de educação ou atuar diretamente no ambiente escolar. Com o objetivo de compreender as necessidades de aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem, o psicopedagogo é uma ferramenta importante no auxílio e na inclusão do aluno.

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem (BOSSA, 1994, p 23).

Neste processo colaborativo da aprendizagem do aluno a psicopedagogia adentra como complementação do curso de pedagogia para atuar em casos de inclusão na sala de aula. Numa sociedade em que a inclusão é uma luta diária, o processo inclusivo parte do princípio da aceitação da diversidade, cujo foco é que somos todos diferentes, independentemente de cor, raça ou classe social. Neste âmbito a valorização de cada pessoa, deve respeitar o modo de agir pensar e ser.

Dessa forma, o psicopedagogo que irá atuar na educação inclusiva, deve sempre se respaldar em uma educação continuada que se permeia por pesquisas, atividades em grupos de estudo entre os meios de formação que se permeia por mudanças que avancem e progridam. Diante disso, este profissional possui um papel importante que por meio de técnicas e métodos próprios para uma intervenção psicopedagógica que tem por intuito solucionar problemas de aprendizagem em espaços educacionais com o auxílio dos professores.

Numa via de mão dupla o psicopedagogo irá auxiliar e contribuir para com o processo de desenvolvimento do aluno e do professor e caso seja necessário o encaminhamento para profissionais de outras áreas.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica utilizando Mazzotta (1993), Nádia Bossa (1994) e, Pimenta (2010) como base para o estudo, sendo trazido dentro de cada livro a teoria de outros autores. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB-1996 e o Plano Nacional de Educação – PNE. A fim de constatar que o estágio extracurricular é de fundamental importância para atualizar o conhecimento do profissional que atua na área de educação e o processo de ensino aprendizagem que compreende a relação entre aluno e professor.

Essa pesquisa teve caráter exploratório, descritivo e bibliográfico. Para tanto, buscou-se valorizar as peculiaridades da relação do estágio extracurricular com relação à inclusão referente à educação especial. Quando se trata do caráter exploratório, Gil afirma que “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou constituir hipótese. Pode-se dizer que esta pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002, p. 41).

Com relação ao ponto descritivo está relacionado ao fato de ser uma pesquisa que foi desenvolvida na prática durante o estágio de psicopedagogia clínica e institucional proporcionaram melhor absorção do tema proposto. Possibilitando-nos complementar a pesquisa a partir de registros observados e analisados de forma a finalizar o embasamento teórico estudado para desenvolver a prática. Conforme Andrade (2001, p.124) “Neste tipo de pesquisa descritiva, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”.

Já a pesquisa bibliográfica adentrou para fundamentar e embasar o trabalho. Considerando-a como fundamentação teórica o estudo de campo foi uma etapa aonde apresentamos as atividades respeitando a rotina da escola. Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo, como suporte para adquirir informações por intermédio de interlocutores, verificando a importância do estágio extracurricular na formação dos profissionais de educação para atuar na educação especial e a contribuição desse estagiário para a instituição.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte do trabalho são apresentados alguns levantamentos alguns apontados durante o estágio extracurricular. A partir da pesquisa de campo realizou-se uma breve entrevista com a coordenação pedagógica da escola com o objetivo de coletar dados que auxiliassem a elaboração do trabalho. Sendo assim, as perguntas que nortearam o diálogo foi 1. Os professores dessa instituição estão preparados para trabalhar com os alunos com necessidades especiais? 2. A Lei de Diretrizes de Bases para a educação especial - Lei n. 9.394, de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), recomendam que a educação de crianças com deficiência seja realizada preferencialmente, na rede regular de ensino. Você vê o estagiário preparado para atuar com esses alunos? 3. Fora a capacitação do profissional que irá atuar o que falta para que a educação inclusiva seja efetiva? 4. A importância do estágio extracurricular na formação do profissional de educação no processo de inclusão escolar do aluno portador de necessidades especiais?

Na primeira pergunta a coordenadora apontou que

Acredita que todo educador está preparado, mas não é suficiente, para lidar com esse tipo de situação. A própria Secretaria de Educação de nosso Município, já demonstrou e apontou isso. Vêm mostrando interesse em capacitar cada vez mais os futuros profissionais da área da educação, realizando cursos de capacitação que ajudem esses profissionais a lidarem com essas questões (REP ORAL, 2014).

A coordenadora reconhece que o sistema não está suficientemente capacitado para atender alunos com deficiências. Esse despreparo da equipe pedagógica da escola para trabalharem com esses alunos é explicado por Mazzotta (1993), justificando que a formação para atuação na educação especial requer um preparo específico indicado por três principais elementos: iniciativa, engenho e imaginação. Para continuar o pensamento na pergunta três que trata da capacitação profissional a entrevistada argumenta também que,

na verdade o que falta é uma busca de capacitação por parte do profissional para que seja preparado para lidar com essas questões. Mas isso vai depender também de uma conscientização social, por que isso não depende só dos professores, mas dos pais e da sociedade como um todo, que tenha respeito e que aceite as diferenças (REP ORAL, 2014).

Para que a educação inclusiva seja cumprida, Mazzotta (1993) traz, dentre outras medidas, o equilíbrio do professor frente ao diferente, trazendo para a sala a intensificação da relação

família/escola e a busca da qualificação profissional através dos cursos especializados. E propõe, também, uma série de modificações à escola quando da implantação do paradigma da inclusão, para atender às necessidades do educando. Essas mudanças refletem em vários aspectos da escola como organização, e dizem respeito a ofertas de apoios específicos para professores e utilização de recursos da comunidade.

Retomando a pergunta dois que trata da Lei de Diretrizes e Bases para a educação especial, Lei n.9.394, de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) a coordenadora traz uma afirmativa a questão e complementa dizendo que,

Os estagiários geralmente já possuem algum conhecimento prévio sobre a educação especial, e com as capacitações oferecidas, a prática diária, acompanhamento da coordenação pedagógica, pode auxiliar o professor regente, fazendo um trabalho de cooperação para que este aluno seja realmente incluído dentro e fora do âmbito escolar (REP ORAL, 2014).

E conclui que,

ninguém está totalmente preparado. O estágio é um dos grandes fatores para afirmar isso, ele possibilitou a experiência prática e um amadurecimento da ideia em relação à educação especial, mostra as dificuldades encontradas pelos professores em lidar com a deficiência na sala de aula, e embora reconhecendo que ainda falta um maior preparo e aperfeiçoamento para atuar, porém, se dará pela continuação dos estudos (REP ORAL, 2014).

As discussões que hoje permeiam o processo educacional de alunos com necessidades especiais voltam-se para que as ações educativas se façam assentadas nos pressupostos de uma educação inclusiva, implicando na formação de um professor cujo perfil de atuação seja compatível com a evolução dos conceitos educacionais que hoje apontam para a educação desse segmento escolar.

Para concluir a entrevista a coordenadora discorre sobre seu ponto de vista a respeito da importância do estágio extracurricular na formação do profissional de educação no processo de inclusão escolar do aluno portador de necessidades especiais dizendo:

Que é necessário e que deve partir dos educadores para que essa inclusão realmente ocorra principalmente vocês que são sementes vivas a ponto de germinarem, para que esse processo aconteça e se efetive de fato. Que a gente não só busque questionamento, mas busque solução para que isso aconteça de fato (REP ORAL, 2014).

As discussões que hoje permeiam o processo educacional de alunos com necessidades educacionais especiais voltam-se para que as ações educativas se façam assentadas nos pressupostos de uma educação inclusiva, implicando na formação de um professor cujo perfil de atuação seja compatível com a evolução dos conceitos educacionais que hoje apontam para a educação desse segmento escolar.

Após a análise dos dados constatou-se que o estágio extracurricular conduz o profissional para a renovação da educação em seu processo inclusivo, e o aperfeiçoamento dessa profissão através de capacitações e formações serão maneiras de buscar solucionar as incertezas encontradas no decorrer da profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a pretensão de analisar como o estágio extracurricular pode ser um diferencial na formação do futuro profissional que irá atuar no contexto educacional inclusivo, levando o estagiário a uma experiência prévia para a futura prática.

Percebeu-se uma demanda de atuais professores despreparados para atuarem na área, não por falta de competência, mas por falta de conhecimento e domínio de como ocorre o desenvolvimento do aluno com necessidades especiais e o seu processo de ensino e aprendizagem.

O reconhecimento de uma educação para todos gera a necessidade de um profissional qualificado para essa função e esse conhecimento será construído dentro da academia teoricamente em parceria com a experimentação da prática que o estágio proporciona. Neste caminho, o estágio de psicopedagogia contribuir com o processo de desenvolvimento tanto do aluno quanto do professor.

E na educação inclusiva, o envolvimento destes profissionais faz com que a inclusão avance e progrida em prol da solução dos problemas de aprendizagem dos alunos com dificuldades. Desse modo, ao concluir o curso, o estagiário estará apto a ingressar na profissão, ressaltando que esse aprendizado não se findará, pois teoria e prática caminham juntas, deixando portas abertas para uma busca incessante e aprimoramento do seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de dezembro de 1996.

_____, CNE/CEB. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Lei Federal nº 10.172 de 09/01/2001.

Divisão de Educação Especial- DEE/ Secretaria Municipal de Educação- SEMED.

BOSSA, Nãdia. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIL, A.C. (2002) **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed, São Paulo: Atlas S/A.

GLAT, Rosana e NOGUEIRA. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil**. In: Revista Integração, Brasília: Ministério da Educação/ Secretária de Educação Especial, ano 14, nº 24, 2002.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU, 1993.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 9º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.